

## **DIREITA E ESQUERDA HOJE?**

**Fernando Scheffer<sup>1</sup>**

### **Sumário**

1 Introdução. 2 A origem da terminologia. 3 Atualizando a dicotomia. 4 Considerações finais. Referência das fontes citadas.

### **Resumo**

Traço peculiar da chamada cultura pós-moderna é a alegação de que os conceitos de esquerda e direita tornaram-se obsoletos com a crescente complexidade das estruturas sociais e sobretudo com a crise do socialismo. Apesar de renegadas, direita e esquerda persistem como palavras-chave do discurso político atual e preservando ainda toda a carga emotiva com que têm sido empregadas desde a Revolução Francesa. Se a distinção entre direita e esquerda continua a ser usada o problema não se trata mais de comprovar sua legitimidade, mas de examinar os critérios propostos para sua legitimação. Com base nesta constatação, o presente artigo tem como característica fundamental a reflexão a respeito da díade Direita /Esquerda nos dias de hoje. Para isto, em um primeiro momento se faz um resgate histórico que revela a origem da terminologia, são levantados os fatos históricos que fizeram com que as linhas divisórias entre esquerda e direita tornaram-se bem menos nítidas nos últimos anos (ou mesmo desapareceram, segundo alguns autores), para daí, como foco principal, atualizar a utilização desta terminologia nos dias de hoje. A dicotomia esquerda-direita vai além da bipolaridade capitalismo-socialismo que orientou toda a ordem política mundial durante anos. Não podemos dizer que o fim dessa bipolaridade represente o fim da dicotomia esquerda-direita, pois os princípios típicos de esquerda como a igualdade e a justiça social, não acabam com o fim da bipolaridade.

**Palavras chave:** Direita. 2 Esquerda. 3 Ideologias.

### **Resumen**

Línea peculiar de la llamada cultura post-moderna es la manifestación de que los conceptos izquierda y derecha, se volvieron anticuados con la creciente complejidad de las estructuras sociales y sobretudo con la crisis del socialismo. A pesar de ser recusadas, derecha e izquierda persisten como palabras claves de discurso político actual, y todavía conservando toda la carga emotiva con que han sido empleadas desde la Revolución Francesa. Si la diferencia entre derecha e izquierda sigue siendo utilizada, el problema no se trata mas de

---

<sup>1</sup> Psicólogo, especialista em Saúde Mental Coletiva, mestrando em Gestão de Políticas Públicas (UNIVALI), professor da UDESC. Linha de pesquisa: Dinâmicas institucionais das políticas públicas. E-mail: [fenando@terra.com.br](mailto:fenando@terra.com.br).

comprobar su legitimidad, mas de examinar los criterios propuestos para su legitimación. Con base en esta comprobación, el presente artículo tiene como característica fundamental la reflexión al respecto del vínculo Derecha / Izquierda, de hoy en día. Para esto, en un primer momento se hace un rescate histórico que revela el origen de la terminología, son levantados los hechos históricos que hicieron con que las líneas divisorias entre izquierda y derecha se volvieran bien menos visibles en los últimos años (o mismo desaparecieron, según algunos autores), para, desde ahí, como objetivo principal, actualizar la utilización de esta terminología hoy en día. La división izquierda-derecha va mas allá de la bipolaridad capitalismo-socialismo que orientó toda la orden política mundial durante años. No podemos decir que el final de esa bipolaridad represente el fin de la división izquierda-derecha, pues, los principios típicos de izquierda como la igualdad y la justicia social, no fenecen con el fin de la bipolaridad.

**Palabras-clave:** 1 Derecha. 2 Izquierda. 3 Ideologías

## **1 Introdução**

Traço peculiar da chamada cultura pós-moderna é a alegação de que os conceitos de esquerda e direita tornaram-se obsoletos com a crescente complexidade das estruturas sociais e sobretudo com a crise do socialismo. Muitas vezes apresentada sob as vestes de melhor rigor científico esta alegação, na verdade, cumpre a função de emprestar opacidade a este complicado fim de século. Não por acaso, seu principal argumento apóia-se na discutível constatação de que “destros” e “esquerdos”, no fim das contas, formulam programas idênticos e propõem-se aos mesmos fins imediatos. Não mereceriam, por isso, serem vistos como campos diversos ou receber nomes distintos.

Apesar de renegadas, direita e esquerda persistem como palavras-chave do discurso político atual e preservando ainda toda a carga emotiva com que têm sido empregadas desde a Revolução Francesa. Em um momento em que no Brasil e no mundo uma grave crise de perspectivas prolonga-se viçosamente à luz do dia, fazendo par e, num certo sentido, potencializando a reprodução de imensas zonas de miséria e injustiça, reestabelecer esta dicotomia parece se precioso instrumento de análise e para que não se perca de vista o valor das diferenciações.

## **2 A origem da terminologia**

Para se fazer uma análise da dicotomia esquerda-direita e para que se possa entender bem o sentido destes conceitos hoje, se faz necessário primeiramente entendermos o surgimento desta terminologia. Esta terminologia deve-se à Revolução Francesa (1789), quando iniciaram-se os trabalhos para a elaboração da primeira constituição francesa e onde os representantes políticos se posicionaram em lugares diferenciados nos assentos do plenário.

À Direita do plenário instalaram-se os representantes da alta burguesia chamados de Girondinos. Apoiavam e estavam a favor do antigo regime. Era um grupo bem conservador, procuravam defender seus privilégios e evitar que as classes populares pudessem chegar ao poder ou tivessem suas reivindicações atendidas. Não pretendiam grandes mudanças e sim reformas que os beneficiassem.

À Esquerda se posicionaram os representantes da baixa burguesia, os trabalhadores em geral e aqueles das camadas mais oprimidas. Esse grupo se reunia em um partido denominado de Jacobinos. Defendiam uma nova ordem social e política. Lutavam por reformas que levassem à conquistas e melhorias sociais.

Mesmo não sendo nosso foco, no centro da assembléia acomodavam-se os membros representantes de uma parte da alta burguesia, parte da pequena e média burguesia, alguns membros da aristocracia, ou seja, a composição era variada. Procuravam normalmente conciliação, ora apoiavam a esquerda, ora apoiavam a direita. Não se comprometiam podendo-se dizer que viviam "em cima do muro", de acordo com a sua conveniência.

Então como podemos ver, estes termos, direita e esquerda, tinham a princípio uma conotação espacial. Posteriormente foram adquirindo um perfil político e ideológico como nos dias atuais. Sader (1995) afirma que esquerda passou a designar aquele conjunto de forças que luta, essencialmente, por

transformações numa determinada ordem social e política, transformações que resultem na instauração de uma nova ordem, ou transformações que resultem na reformulação da ordem vigente. Mesmo que o teor e o grau das mudanças possam variar, de acordo com uma esquerda mais ou menos “radical”, o que está presente em qualquer esquerda é o caráter contestatório assumido. Direita passou a designar, no âmbito político, aquelas forças favoráveis à manutenção da ordem social e política. A Direita se preocupa, basicamente, em conservar e não alterar o sistema que está dado.

### **3 Atualizando a dicotomia**

A tese do “fim” ou do “declínio” das ideologias está ligada a certas conotações da acepção particular de ideologia, como o dogmatismo, ou doutrinarianismo, a forte carga passional, a propensão para os conflitos radicais, a tendência extremista, avaliados, de forma geral, de modo negativo. Esta tese ganhou forma por volta da metade dos anos 50, na atmosfera criada por um forte desenvolvimento econômico do Ocidente, pelo degelo soviético e pela crescente desilusão a propósito das possibilidades de uma afirmação do comunismo nos países industrializados.<sup>2</sup> Essa tese apoiava-se numa ou em ambas as proposições seguintes: que nos últimos vinte anos houvera uma relativa atenuação do extremismo com que se tinham manifestado os fins e os objetivos ideológicos; que tinha havido um desaceleramento relativo da intensidade emotiva com a qual aqueles fins e aqueles objetivos eram perseguidos (Nobbio et al., 1992, p. 589).

Fora estas teses, parece que as linhas divisórias entre esquerda e direita tornaram-se bem menos nítidas nos últimos anos (ou mesmo desapareceram, segundo alguns autores). A queda do Muro de Berlim em 1989 e o desaparecimento da União Soviética – URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) em 1991, foram acontecimentos que marcaram profundamente

---

<sup>2</sup> Entre 1955 e 1960, foram redigidas as formulações mais conhecidas e mais influentes da tese do “declínio das ideologias”: as de Aron, Shils, Bell e Lipset.

esse processo, tendo simbolizado para muitos a derrubada também do "muro" entre a esquerda e a direita (Segrillo, 2006).

O fim da URSS tirou o grande referencial "real" (material) do movimento comunista. Sem ele, considerável parte da esquerda comunista (e socialista) sentiu-se perdida teórica e praticamente. Foi nesse vácuo que surgiu a versão acadêmica da idéia milenarista de *O Fim da História*, pela obra de Francis Fukuyama (1992), o qual, levando em consideração a virtual derrota nesse final de século de todas as alternativas políticas à democracia liberal (comunismo, fascismo, ditaduras militares ou teocráticas etc.), vaticinou que talvez essa fosse a forma última e mais avançada na progressão das sociedades humanas.

O esforço principal de Fukuyama, que tem provocado grande repercussão, foi o de tentar elaborar uma linha de abordagem da história, indo de Platão a Nietzsche e passando por Kant e Hegel, a fim de revigorar a tese de que o capitalismo e a democracia burguesa constituem o coroamento da história da humanidade, ou seja, de que a humanidade teria atingido, no final do século XX, o ponto culminante de sua evolução com o triunfo da democracia liberal ocidental sobre todos os demais sistemas e ideologias concorrentes.

Fukuyama não contrapõe a chamada democracia liberal somente ao socialismo, mas também a uma miríade de regimes autoritários de direita que entraram em colapso e que, de acordo com ele, acabaram adotando, em maior ou menor grau, o modelo da democracia liberal. Na América Latina, aponta o caso das ditaduras na Argentina, no Brasil e no Chile. Na Ásia, lembra o fim do regime De Ferdinand Marcos, em 1987, e sua substituição pelo governo de Corazón Aquino. Na África do Sul, cita a libertação de Nelson Mandela pelo governo de maioria branca de F.W. de Klerk e a busca de um governo de co-participação de brancos e negros. Tudo, segundo ele, com muitas variantes, mas sempre no rumo de um modelo de democracia liberal. Liberalismo, para Fukuyama, é o regime fundado, no terreno político, na democracia burguesa e, no terreno econômico, "no direito de livre atividade

econômica e troca econômica, baseado na propriedade privada e nos mercados" (Fukuyama, 1992).

Em suma, ao longo do século a democracia liberal teria superado os "totalitarismos" de direita e esquerda, e também quaisquer outras variantes autoritárias, e triunfado como o regime mais adequado ao progresso e à liberdade humana. As propostas que restam hoje em contraposição à democracia liberal estão na defensiva, e representariam o conservadorismo e o atraso. Veja-se, por exemplo, diz Fukuyama, a situação dos países que permanecem socialistas, como China, Cuba, Coréia do Norte e Vietnã. Para ele, "embora o poder comunista persista no mundo, deixou já de refletir uma idéia dinâmica e atraente. Hoje, os que se dizem comunistas empenham-se numa luta contínua de retaguarda para preservar alguma coisa da sua posição e do seu poder. Os comunistas encontram-se na posição nada invejável de defender uma ordem social ultrapassada e reacionária, como os monarquistas que conseguiram sobreviver até o século XX" (Fukuyama, 1992).

Para vários autores a ascensão capitalista e a derrocada da antiga URSS e dos regimes socialistas não são suficientes para se afirmar que os termos esquerda e direita estejam ultrapassados e não tenham mais significação. A dicotomia esquerda-direita vai além da bipolaridade capitalismo-socialismo que orientou toda a ordem política mundial durante anos. Não podemos dizer que o fim dessa bipolaridade represente o fim da dicotomia esquerda-direita, pois os princípios típicos de esquerda como a igualdade e a justiça social, não acabam com o fim da bipolaridade. O fim dos regimes socialistas pode representar a derrocada de uma via que possibilitava a realização desses ideais, mas não que há uma única via. Estamos hoje dentro de um contexto dominado pelo capitalismo e, que por isso, obriga-nos a pensar a dicotomia esquerda-direita de uma forma diferente, sem entretanto, chegarmos ao ponto de dizer, como muitos, que não há mais sentido nem necessidade de tocarmos nestes termos (Freitas, 2004).

Para Bobbio (1995) as repetidas contestações, a distinção entre direita e esquerda continua a ser usada. Se assim é, o problema se desloca: agora, não

se trata mais de comprovar sua legitimidade, mas de examinar os critérios propostos para sua legitimação. Neste sentido para ele há distinção significativa entre as pessoas neste espectro. Ele utiliza-se dos conceitos de igualdade (que para a esquerda deve ser buscada na sociedade), em detrimento da liberdade (que para alguns – pessoas de direita – deve ser conservada, mantendo-se as desigualdades entre os homens, tidas como naturais). Igualdade e Liberdade caracterizam toda a trama de relações práticas e ideais de que é tecido o projeto democrático. Partindo da premissa que de um lado estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais e, de outro, aqueles que consideram que são mais desiguais que iguais, Bobbio (1995) afirma que o igualitário parte da convicção de que a maior parte das desigualdades que o indignam, e que gostaria de fazer desaparecer, são sociais e, enquanto tais, elimináveis; o inigualitário, ao contrário, parte da convicção oposta, de que as desigualdades são naturais e, enquanto tal, inelimináveis. A antítese não poderia ser mais radical: em nome da igualdade natural, o igualitário condena a desigualdade social; em nome da desigualdade natural, o inigualitário condena a igualdade social.

Em relação a esta temática Giddens (1996) semelhantemente acredita que esta díade permanece válida, mas apenas em um plano bastante geral. No todo, a direita aceita melhor a existência de desigualdades do que a esquerda, e está mais propensa a apoiar os poderosos do que os desprovidos de poder. Esse contraste é real e continua sendo importante. Segundo ele os neoliberais aceitam a importância da desigualdade e, até certo ponto, a vêem como um princípio motivador da eficiência econômica. Os que criticam os neoliberais geralmente o fazem por considerarem os modelos de livre mercado produtores de uma sociedade excessivamente dividida; eles querem menos desigualdade e não mais.

Aspecto bastante importante levantado por Giddens (1996) é a troca de posições. O conservadorismo tornado radical enfrenta o socialismo que se tornou conservador. O radicalismo na sua essência significava não só a realização da mudança mas o controle dessa mudança de forma a conduzir a história para a frente. E é este projeto, segundo ele, que agora parece ter

entrado em declínio. Ser conservador, por outro lado, significa sobretudo querer preservar. Nas atuais circunstâncias parece que os socialistas, usualmente, descobrem-se tentando preservar instituições existentes – de modo mais notável o *welfare state* – em vez de tentar abalá-las. Em suma, a esquerda se tornou conservadora olhando para o passado do estatismo soviético o do Estado de bem estar social, enquanto a direita, inspirada no neoliberalismo, possui uma proposta clara para o futuro do capitalismo.

Parece não se ter dúvida de que o fim da União Soviética e a queda do "Muro de Berlim" (i.e., do Leste europeu socialista) retiraram as bases materiais mais fortes que sustentavam o movimento comunista mundial. Talvez até exemplificando a tese de Marx de que são "as condições materiais da vida social que determinam a consciência dos homens", a esquerda comunista/socialista entrou em forte crise teórica da qual está tendo dificuldade de se recuperar. Uma das alternativas teóricas encontradas (conscientemente ou por intermédio de "erro e acerto") pela nova esquerda foi a do tipo "terceira via" (Anthony Giddens) em que a confusão teórica da esquerda fica camuflada por uma confusão mais geral envolvendo esquerda e direita através da retirada dos rótulos ideológicos tradicionais que diferenciavam historicamente as políticas das duas áreas. No entanto, como afirma Giddens (2000), há grandes diferenças entre social-democratas e neoliberais quanto ao futuro do *welfare state*, e essas diferenças se concentram em torno da divisão esquerda/direita. A maioria dos social-democratas querem manter o *welfare* com dispêndio elevado, ao passo que os neoliberais defendem um *welfare* de rede de segurança mínima.

#### **4 Considerações finais**

A tentativa de tentar apagar as clivagens entre os dois campos principais do leque político, sem sombra de dúvida, favorece a direita, na medida em que confunde as opções possíveis, pretendendo que todas as ideologias são iguais, já mesmo talvez não existam (veja-se Fukuyama: "O fim da história") e o que afinal conta são as pessoas. Ora estas, obviamente contam e muitíssimo, mas



são as idéias que elas professam e as ações decorrentes delas que proporcionaram ora desastre para milhares de pessoas, ora melhora significativa de qualidade de vida de outras tantas.

Nos dias de hoje continuam a ser claras, embora, com nuances e complexidades superior, as fronteiras entre os dois lados da luta política. A direita privilegia sobretudo o individualismo e o chamado "*self made man*" (que cada um se safe por si próprio), a proteção dos grandes interesses privados, a desregulamentação e a mercantilização da vida social (tudo se compra, tudo se vende). Tudo isto se desenrola de acordo com os velhos dogmas do neo-liberalismo que preconizam o falacioso chavão de "Menos Estado, Melhor Estado" e o ataque desenfreado às suas funções coais em matéria de educação, saúde e segurança social, conduzem ao abandono progressivo do papel do Estado enquanto agente econômico direto e à degradação e destruição de diversos serviços públicos sob a forma de privatizações e liberalizações, substituindo objetivos sociais pelo objetivo único do lucro privado. Nesta ótica de pensamento concorrem a obsessão pelo combate cego ao déficit das finanças públicas e o álibi da redução do pessoal da administração pública, defendendo que o problema central se encontra no desenvolvimento econômico.

Quanto à esquerda, é inegável que a razão para a atual falta de direção da esquerda diz respeito ao fato que seus planos para a transformação da sociedade não se materializaram. Fica difícil com base nesta afirmação negar que a esquerda hoje não é o que era antes. Bobbio (1995) mesmo tendo clara esta concepção coloca que a idéia de igualdade ou justiça social é básica para a perspectiva de esquerda. Ela foi persistentemente atacada pelos de direita. Os de esquerda não somente buscam justiça social, mas também acreditam que o governo deve desempenhar um papel-chave na promoção dessa meta.

De forma simplificada pode-se afirmar que para a ideologia de direita, como os homens são seres biológicos desiguais, devem submeter-se à lei do darwinismo social. O que define uma posição de direita é a idéia de que vida em sociedade reproduz a vida natural. A economia de mercado faz uma

seleção, neste caso "social", entre os indivíduos que podem se desenvolver e os que podem apenas sobreviver. Uma atitude de esquerda pressupõe a negação da herança "natural". Por sua vez, prioriza a proteção contra a competição social. Na escolha entre a competitividade e a solidariedade, prioriza está última.

## **Referência das fontes citadas**

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

BOBBIO, N. et al. **Dicionário de política**. 4. ed. Brasília: Ed. UNB, 1992.

FREITAS, M. A. A esquerda brasileira em tempos neoliberais. **Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, v. 17, 2004.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

\_\_\_\_\_. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SADER, E. **O anjo torto**: Esquerda e Direita no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEGRILLO, Ângelo. **A confusão esquerda/direita no mundo pós-Muro de Berlim**: uma análise e uma hipótese. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 01 jun. 2006.